

Narrativas da guerra: antissemitismo e islamofobia

War narratives: antisemitism and islamophobia

Narratives de la guerre: antisémitisme et islamophobie

*Daniel Feldmann**

Colocação do problema: os impulsos subjetivos e objetivos para a guerra

*Nenhuma história universal
conduziu do selvagem ao
homem civilizado;
muito provavelmente há uma
que leva do estilingue à bomba
atômica*

(Theodor Adorno)

Matéria recente da BBC informa um crescimento inaudito na demanda por abrigos antibombas na Europa. Na Espanha houve um aumento de 90% na procura deste produto apenas no último ano. Os dados são tanto mais impressionantes se lembrarmos que a Europa era tida até não muito tempo atrás como o caso exemplar de uma unificação econômica, cultural e política que afastaria em definitivo do horizonte o pesadelo das duas guerras mundiais passadas que foram centradas no continente. Constatamos, assim, que a utopia de fim da história - a saber, a utopia da vitória definitiva e pacificadora da economia de mercado e do Estado de Direito liberal - da qual a Europa unida seria a maior manifestação está cancelada. O que parece emergir em seu lugar é uma nova astúcia vingativa da história que reacende os fantasmas de uma possível nova guerra de alcance global da qual o continente outrora exemplar não seria mais poupado. Sintomaticamente, neste fim do fim da história também está em curso um rearmamento muito significativo dos países pelos diferentes cantos do mundo. Nele, destaca-se também a corrida armamentista dos países europeus, em especial da outrora desarmada Alemanha. E neste último país,

* Economista e professor do Departamento de Economia da Universidad Federal de São Paulo (Unifesp). Acompanha e divulga as ações do coletivo Standing Together, que reúne judeus e árabes em Israel em torno de iniciativas conjuntas para construir pontes entre suas comunidades dentro de um contexto de profundas divisões políticas e sócias no país.

Email: dafeldmann@unifesp.br

ORCID Id: <https://orcid.org/0000-0003-2048-5749>

por sinal, manifesta-se uma outra tendência cujo alcance também é global, a saber, a noção de que os gastos armamentistas poderiam dar um fôlego para uma acumulação capitalista global que já vem capenga de muito tempo. Inicialmente com a pandemia e agora com um quadro de novas guerras reais e potenciais desabrochando, a assim chamada desglobalização com seu keynesianismo bélico pretende ser a saída para a crise da globalização neoliberal...

Mas não apenas não parece haver saída para a crise do capital e sua tendência ao colapso ambiental, como a isso se soma agora também uma crescente ansiedade geopolítica. A presente conjuntura reatualiza em termos trágicos o enredo de Kubrick na sua comédia *Dr. Strangelove*. Como no filme lançado no auge da Guerra Fria, a total destruição do mundo paira como risco iminente, fato agravado pela estupidez e irresponsabilidade daqueles poucos indivíduos que podem fazer o mundo explodir com o aperto de um mero botão. Um erro de cálculo, um falso alarme, uma avaliação errada, o medo do ataque prévio do inimigo, ou mesmo um mero destempero narcisista de algum líder importante: tudo pode virar motivo para que tudo venha abaixo. Mas para além da descrição das situações e personagens pitorescos que potencializam a grande hecatombe, caberia aqui pensar quais são os fundamentos sociais que permitem que toda existência humana no limite possa estar por um fio, dependendo dos azares da ação ou da inação de reduzido número de homens poderosos. Seguindo a pista de Gunther Anders, o filósofo que fez da Era Atômica o centro de seu pensamento, estaríamos diante de uma situação que o poder técnico e prometeico de destruição tende a se automatizar e também a se emancipar do controle humano. A estupidez individual é bem real, mas ela tem como base material um mecanismo que ao ser posto em movimento tende por si mesmo a clamar pelo seu resultado. Na medida em que as armas atômicas não podem ser mais "desinventadas", a tarefa zero do pensamento e da ação seria evitar a todo custo o aperto dos botões fatais. Se no período de "fim da história" pós queda do Muro de Berlim tal vaticínio de Anders pareceu para muitos exagerado e ultrapassado, hoje a sua atualidade assusta, escancarando a todos a noção de Anders de que a Era Atômica institui definitivamente um "tempo do fim" que apenas pode ser adiado, mas não de todo superado.

Portanto, os tempos que correm escancaram o elo sempre presente, mas por vezes oculto entre progresso e violência que está na citação de Adorno mais acima, mas que também Freud em seu tempo e à sua maneira já apontara. Mais ainda, na medida em que o inconsciente está sempre "*enodado nas estruturas simbólicas que organizam a sociedade e as formações do desejo e da subjetividade*" (Fuks; Koltai nesta edição) caberia pensarmos quais as condições históricas e sociais que têm permitido que as pulsões destrutivas adquiram tamanho espaço e proeminência. Afinal, mesmo que as pulsões destrutivas sejam uma constante da assim chamada civilização, é de se indagar por que hoje tem havido grande dificuldade de contê-las e mitigá-las, fazendo assim com que tais pulsões se vejam mais livres e desimpedidas. Nossa hipótese é de que haveria uma correspondência entre o desejo de violência que está sempre presente na subjetividade e determinadas tendências objetivas do tempo

presente que cancelam e estimulam tal desejo. Mais precisamente, haveria uma correspondência entre os impulsos de ódio e destruição que habitam o inconsciente dos indivíduos e certos imperativos sociais fetichistas e quase-automáticos - ou seja, também à sua maneira imperativos "inconscientes"- que impelem a sociedade para uma dinâmica de violência desenfreada em diferentes planos.

Tentemos desenvolver este argumento. Hoje, para além das guerras ignoradas como as que neste momento ceifam centenas de milhares de vida no Sudão ou na Etiópia, temos que as guerras entre Rússia/Ucrânia e depois entre Israel/Palestina (se espalhando por todo Oriente Médio) denotam uma escalada que mesmo que não leve obrigatoriamente a uma guerra global faz com que, no mínimo, a sua sombra passe a orientar as ações e as intenções. Abre-se agora uma dada bipartição do mundo cujos epicentros são os EUA e a China em torno dos quais gravitam aliados muito bem armados. Trata-se, é certo, de uma bipartição um tanto opaca e com países importantes com posição ambígua. Mas isso não torna o cenário menos perigoso pois o que se coloca de forma imediata é uma mundialização da guerra em que as capacidades de destruição dos potenciais contendores são gigantescas, como se sabe. É possível aqui uma analogia com o que Hobsbawn dissera sobre a Primeira Guerra Mundial: originalmente ninguém a desejava (pelo menos não assumidamente) até que as fricções imperialistas e alianças previamente firmadas entre os atores a tornasse inevitável.

É impossível dissociar tal contexto de uma crise capitalista em sentido lato em meio a um cenário de total ausência de alternativas de uma outra ordenação econômica, social e política. O progresso sai de cena inclusive como ideia e o que sobra é a sua contraface de violência direta ou potencial. Ora, a consequência direta dessa nova configuração é o desencadeamento de disputas entre países, mas também disputas internas a cada sociedade que naturalizam a agressividade como fato perene. Pois tal como há um "sujeito automático" e "inconsciente" do capital que obriga a busca de acumulação infinita de riqueza num mundo cada vez mais exíguo para tanto, há também uma espécie de "sujeito automático" da *realpolitik*, das razões de Estado, que precisa lidar com tensões insolúveis internas e externas aos países. A impossibilidade de uma reprodução econômica que integre o conjunto das populações nos diferentes países fomenta uma concorrência encarniçada entre indivíduos que aproxima a sociedade da lógica da guerra civil. Os conflitos internos alimentam os conflitos externos e vice-versa e a necessidade de combater inimigos reais ou imaginários serve para se tentar recuperar a coesão de sociedades que tendem a se desagregar por si mesmas. Há, portanto, exigências sistêmicas que nos encaminham para a guerra e violência que em boa medida são independentes das vontades individuais de quem governa e que estão ligadas ao fato de que não há lugar para todos na conjuntura vigente, seja no que diz respeito às populações, como também no que diz respeito ao próprio capital e aos seus Estados Nacionais. A ausência de horizonte aumenta a temperatura e os dissensos, numa corrida pelos poucos espaços restantes.

Dáí então a combinação explosiva de guerra civil, de guerra contra as populações e de guerras entre Estados e tudo isso sob o fantasma de uma nova guerra global. E por isso também que as compulsões objetivas da vida social tendem a endossar ao em vez de conter o mal-estar civilizacional e as pulsões subjetivas destrutivas. É sintomático que nesse cenário ocorra o reforço político da extrema direita, dos diferentes fundamentalismos, de diferentes formas de racismo e xenofobia e de governos e forças políticas autoritárias e beligerantes. São estas as formações políticas que, do Ocidente do Oriente ou do Norte ao Sul Global, parecem estar mais antenadas com o espírito belicoso do nosso tempo. Diga-se de passagem, o retorno barulhento da religião diretamente como política pode muito bem ser entendido em função da aproximação da pregação apocalíptica espiritual com a própria realidade material e mundana que semeia as tendências do "tempo do fim". Em todo e qualquer caso, são justamente as formações políticas supracitadas aquelas que têm tido a capacidade de conscientemente de guiar os ressentimentos, fobias e ódios que habitam o inconsciente dos indivíduos, dando guarida para suas pulsões destrutivas. No plano geopolítico a própria divisão do mundo em blocos antagônicos que namoram com o "tempo do fim" permite ainda que uma verdadeira lógica de cruzada alimente o imaginário político...

Escolhendo o seu Outro: antissemitismo e islamofobia como narrativas da guerra

Creemos que a alusão à cruzada acima é um gancho apropriado para entrarmos agora propriamente no nosso objeto, a saber, as representações simbólicas que envolvem o tema Israel/Palestina. A tragédia em curso - e que sintomaticamente se desenrola na mesma Terra Santa das antigas cruzadas - é alvo de todo um conjunto de projeções, de visões fantasmáticas e de espetacularizações. E uma breve digressão aqui. Não faltam nem mesmo diferentes representações religiosas pré-modernas que buscam influenciar as narrativas correntes. Mesmo no caso do Brasil, vemos apoiadores evangélicos de Israel que justificam a guerra até o fim em termos bíblicos, como se o sofrimento dos palestinos cumprisse alguma determinação divina. Mas também vemos de outra parte pessoas que pretendem se opor a Israel a partir de uma posição de esquerda que invoca motivos oriundos da cristandade medieval. Quando é suscitada a imagem de Jesus como um palestino que estaria novamente sendo mortos pelos "sionistas", impossível não aludir tal imagem à eterna pecha cristã e antisemita dos judeus como deicidas. Talvez um dos efeitos da crise da modernidade e do fracasso do projeto racional-iluminista seja mesmo da profusão irracional e propagandística de imagens pré-modernas para objetivos políticos. Mas voltando para o nosso tema, em que medida as diversas representações de Israel/Palestina se correlacionam com o mal-estar civilizacional descrito na seção anterior?

Antes de abordar esse ponto, uma breve contextualização. É óbvio que o pano de fundo do problema não é nada fantasmático, mas sim muito concreto: O massacre do Hamas contra os israelenses que causou a morte de 1200 pessoas e que

foi sucedido pelo massacre ainda em curso cometido por Israel contra os palestinos através de ataques que devastaram a Faixa de Gaza transformando-a em escombros, causando ao menos 45 mil mortes e uma gravíssima crise humanitária. É óbvio que, em meio a atrocidades e crimes de guerra cometidos por ambos os lados, o sofrimento humano e material é muitíssimo mais pesado no lado palestino que enfrenta o enorme poder bélico israelense com apoio direto dos EUA, poder este que prossegue ainda hoje atacando Gaza e pleiteando uma recolonização da região através de uma limpeza étnica. Assim como é óbvio que no que diz respeito ao conflito que já dura décadas, também existe uma profunda assimetria na medida em que os palestinos já vinham sendo as vítimas da ocupação militar israelense (voltaremos a este tema...). Já o que não é tão óbvio - ou o que na melhor das hipóteses não tem sido abordado com a seriedade devida - é o lugar de certas narrativas que ajudam intencionalmente ou não a dar vazão para as pulsões de ódio e no limite para as pulsões assassinas seja contra judeus, seja contra palestinos (e também de forma mais geral contra árabes e muçulmanos) no contexto da guerra.



É certo que uma narrativa que alimenta a intenção de matar não é idêntica ao ato efetivo de matar. Mas tampouco também existe o ato em si sem uma configuração social e psíquica que o possibilite. E se isso é válido para todo e qualquer conflito, no caso Israel/Palestina existe uma tal inflação emocional e simbólica que torna o problema das narrativas ainda mais essencial. Quando, por exemplo, o conflito é traduzido (inclusive por muita gente "douta") na forma de um combate ao "complô sionista internacional" ou ainda, inversamente, pelo combate à "barbárie global árabe/muçulmana", tais narrativas endossam automaticamente a propaganda do "Eixo da Resistência" - liderado pelo Irã, mas do qual também faz parte a Síria até a queda de Assad, Hamas, Hezbollah e os Houthis - de "Morte aos sionistas" ou então a propaganda de Israel de que é preciso "Eliminar os terroristas e seus apoiadores". E aqui nenhum malabarismo retórico pode dourar a pílula. Pois o efeito de sentido muito real de tais narrativas é de que a violência indiscriminada contra judeus, palestinos, árabes, muçulmanos etc. se torna "*fair play*", isto é, algo legítimo... Como não ver que os povos concernidos certamente entendem a mensagem (nem tanto) implícita em tais narrativas? E como ainda não ver ainda que a

normalização complacente de tais narrativas são parte do próprio enredo que ratifica e prolonga a guerra e o morticínio?

Consolida-se então a redução da política à pura lógica de amigo X inimigo nos termos de Carl Schmitt, isto é, uma lógica reificada e cristalizada onde se desdobra uma luta de vida ou morte na qual o único resultado satisfatório é a obliteração do Outro. Destarte, no contexto das narrativas da guerra, antissemitismo e islamofobia tornam-se então mais do que apenas formas de racismo e de ódio social, mas sim uma escolha anuladora de um Outro, de uma absoluta alteridade. Por isso mesmo, tais narrativas estimulam uma espécie de dialética perniciosa onde ambas as formas de ódio social se retroalimentam. Não por outros motivos os protagonistas da barbárie no Oriente Médio, personagens como Netanyahu, Khamenei, Erdogan, Assad, Hamas, Hezbollah, todos eles apoiados seja no fundamentalismo judaico seja no islâmico, têm muito mais em comum do que as aparências sugerem. O *modus operandi* da guerra sim fim demanda inimigos-amigos que partilhem desse mesmo objetivo. Na medida em que um lado escolhe o seu Outro, esse outro lado se sente justificado na sua escolha de hostilidade irreduzível ao seu próprio Outro oposto. A intenção de matar israelenses ou judeus vindica as intenções de matar palestinos, ou árabes e muçulmanos. E vice-versa. A política no sentido dialógico perde aqui o seu sentido, dando lugar à degradação da política rumo à dinâmica de cruzada, no limite uma política apocalíptica e que por isso mesmo faz eco ao espírito do "tempo do fim", tempo este simultaneamente suicida e assassino. E é por isso que o questionamento das próprias bases de tal cruzada, o combate às projeções fantasmáticas que acabam por compor o enredo da realidade concreta no Oriente Médio, não são algo acessório ou secundário, mas sim um importante pressuposto de quaisquer saídas efetivamente políticas...

Dando sentido ao mal-estar civilizacional (global)

Algo que agrava o nosso problema é o fato de que as narrativas antissemita e islamofóbica se projetam como verdadeiras ideologias globais - ideologias de crise, diríamos - carregando consigo sentidos e estigmas que não raro nada tem a ver com os povos concretos que habitam naquela região. Ratificando também por esse ângulo a lógica de cruzada, tudo se passa como se Israel e Palestina concentrassem em si os destinos do mundo como um todo. Por óbvio que se trata de um conflito com graves implicações mundiais, afinal Israel tem armas nucleares, o Irã está em vias de tê-las e é aliado da China e Rússia, mesmo que neste caso se trate de uma aliança com menor profundidade em relação a que existe entre Israel e EUA. Mas o fato de Israel/Palestina ser transformado numa espécie de conflito por procuração que absorve todas as atenções revela sintomas que merecem ser investigados. O fato que, por exemplo, nesses tempos de guerra um menino palestino tenha sido morto nos EUA ou de que uma menina judia tenha sido estuprada na França, com ambos os crimes tendo explícita motivação racista, denota um irrefutável sintoma de um ódio globalizado por este conflito que não se verifica em outros. Tal fenômeno só é

possível em função do lugar que a figura do palestino (e mais amplamente árabes e muçulmanos) e a figura do judeu ocupam no imaginário social, num certo “inconsciente” global e de amplo alcance. Isso permite ainda que uma visão fetichizada de ambas as figuras sirva para diferentes agendas políticas, regionais ou não. A mundialização de motivos, seja antissemitas, seja islamofóbicos, joga ainda mais lenha no impasse regional do Oriente Médio pois isso tanto permite que os atores regionais busquem instrumentalizar a globalização das narrativas, como ainda, inversamente, que atores externos instrumentalizem os afetos simbólicos negativos que emanam da região.

Mesmo que, como todo racismo, a islamofobia e o antissemitismo tenham semelhanças, cada um dos fenômenos tem as suas singularidades. Notemos como seus "tipos-ideais" dão sentido ao mal-estar generalizado. No caso da islamofobia (ou do racismo anti-palestino ou anti-árabe), se seguirmos a pista de Edward Said, fetichiza-se o palestino (ou o árabe e muçulmano) como alguém atrasado, violento por natureza, exótico, fanático, impermeável a argumentos racionais, irascível e intolerante. Tais impulsos subjetivos do preconceito, guardam relação com impulsos objetivos dos tempos atuais. Assim, para além de ser a ideologia que justifica o caráter arrasador do ataque israelense à Gaza contra os palestinos no qual a morte de dezenas de milhares é permitida em nome da defesa contra o "terrorismo", a islamofobia ocupa um significado mais amplo e global que reside na estigmatização do imigrante, do refugiado ou de bárbaros inferiores que não se adequam à “civilização” moderna e para quem não há mais lugar. Quando a capacidade de integração social desintegra, a verdade da repressão, da xenofobia e da administração da exclusão deve vir à tona. Com isso, aqueles que aparentam ser uma ameaça na forma de imigrantes inassimiláveis são rotulados e responsabilizados. A islamofobia como forma de desumanização sem dúvida faz eco a uma conjuntura em que a ausência de lugar para todos reforça a necessidade de rotular o Outro temido e estranhado.

Já no caso do antissemitismo, a fetichização do judeu passa por outras características: conspirador, ardiloso, dotado de superpoderes ocultos e misteriosos, cosmopolita sem raízes, apátrida e fantasmagórico. O judeu aparece como uma personificação do abstrato e por isso mesmo é tomado como alguém artificial e nunca como um ser humano concreto. Mais precisamente, seguindo Moishe Postone, a dominação abstrata do capitalismo, isto é, o fato de que algo abstrato como o valor estabelece os elos sociais e dá o último sentido da vida, é personificada nos judeus que, ademais disso, tal como o valor também são vistos como intangíveis, móveis, desenraizados e universais. Não por outros motivos, o antissemitismo pode aparecer como falsa crítica ao "sistema", ou ainda como uma atribuição negativa exclusiva aos judeus dos pecados oriundos de relações sociais capitalistas que todos praticam sem exceção. Fator este, aliás, que permite ainda que mesmo setores que reivindicam o progressismo namorem com a aversão aos judeus. Desse ponto de vista, o antissemitismo pode servir de cobertura para o desejo de morte contra judeus expresso pelo "Eixo da Resistência" e seus apologetas que justifica o assassinato de

civis tomados como coparticipantes de uma conspiração invasora e sinistra chamada de "sionismo". Mas, ao mesmo tempo, o antissemitismo serve ainda de forma mais global também como uma caixa de ressonância do mal-estar social. Visto como alguém opaco e abstrato que estaria sempre agindo por trás das cortinas, o judeu volta hoje a ser associado de diferentes formas aos infortúnios de uma vida contemporânea cujo funcionamento também paira como algo opaco, incontrolável e heterônimo.



Assim, diferentemente do palestino (ou do árabe e muçulmano) que é rotulado como alguém inferior ou incivilizado, os judeus não são rotulados como inferiores, ou incivilizados, mas sim como os usurpadores maléficos da própria civilização. Numa sociedade em que a concorrência sem limites se tornou a razão determinante de todas as relações, a islamofobia permite rotular o Outro como um concorrente ameaçador que quer tomar empregos ou auxílios sociais, enquanto o antissemitismo atribui ao Outro o lugar de um poder abstrato e complotista que estaria subvertendo as próprias regras daquilo que seria uma suposta concorrência "justa". Mas é claro também que, em meio à cruzada, ambas as formas de ódio social podem se entrecruzar em muitos casos. Num tweet do ano passado apoiado por Elon Musk, um influenciador americano de extrema-direita afirmou que os “judeus estimulam o ódio dialético contra os brancos” por apoiarem a imigração para o Ocidente de “hordas de minorias”. Ou seja, contra a “boa América” branca e cristã, o judeu conspirador e indesejável seria o responsável por estimular a imigração de minorias, aí certamente inclusos árabes e muçulmanos indesejáveis...Tal exemplo mostra que antissemitismo e islamofobia podem muito bem conviver juntos. Assim, há os setores autoritários anti-imigração no Ocidente (o trumpismo, por exemplo) que apoiam Israel e uma narrativa islamofóbica mas que, quando convém, lançam mão de diferentes teorias da conspiração antissemitas. Assim como, de outro lado, os governos autoritários da China e Rússia volta e meia lançam mão nas redes sociais de retórica antissemita em nome do apoio aos palestinos, mas não hesitam em reprimir brutalmente as minorias muçulmanas em seus países, respectivamente uigures e chechenos.

A política a favor do mal-estar

Tais exemplos e outros que poderíamos dar ilustram uma tendência maior, a saber, o fato de que o mal-estar geral que encontra sua válvula de escape na designação depreciativa e desumanizadora do Outro se casa perfeitamente com uma certa *realpolitik* contemporânea. E se não é de hoje que características como demagogia, oportunismo, espetacularização e politização do ressentimento fazem parte do enredo da política enquanto tal, é perceptível uma mudança de qualidade no momento atual. A ausência de um horizonte factível de integração e melhoria social, somada ao fato de que em maior ou menor escala todos são convocados a tomar partido diante do clima de guerra fria 2.0 e de "tempo do fim" que toma conta do mundo, aumentam a funcionalidade do uso político mais ou menos velado de ideologias de crise. Ideologias de crise não apenas porque a crise nas formas de reprodução social vigente suscita os ódios e preconceitos, mas também porque cresce a tentação de se fazer política não para conter o mal-estar vigente, mas sim se fazer política forma a gratificar perversamente a demanda existente de hostilidade ao diferente, ao estranho.

Afinal, se a imaginação política é rebaixada às diferentes razões de Estado em rota de colisão pelo mundo, corrobora-se o dito de Mark Fisher de que vivemos numa era na qual o futuro é cancelado e que a vida se transforma num presente infinito no qual "não há alternativas". As narrativas apologéticas de um Norte Global travestidas de defesa da "liberdade" e "democracia", como também as narrativas apologéticas do Sul Global travestidas de "decolonialismo" e "anti-imperialismo" mal podem esconder que o que está em jogo não são mais como na antiga guerra fria as promessas de progresso do capitalismo liberal, do socialismo real ou de projetos nacionais de desenvolvimento de países periféricos. O que está em jogo é muito mais uma disputa encarniçada pelo espólio do presente e que não aponta para nada além de um tensionamento cada vez mais perigoso e destrutivo.

Em suma, se a realidade intransponível é mesmo a guerra em diferentes planos, é compreensível que as pessoas se apeguem como diziam os velhos frankfurtianos à "reprodução desejante do existente" tornando-se assim mais propensas às diferentes formas de gozo vinculadas ao ódio social. E se tais tendências via de regra são politicamente capitaneadas por forças fundamentalistas e autoritárias, persiste o risco de que mesmo setores progressistas se adaptem às exigências imediatistas do que virou a *realpolitik* do nosso tempo. No que tange ao nosso tema, em vez de se questionar as próprias bases da nova disputa global motorizada pela recente bipartição do mundo, uma parte não negligenciável do progressismo liberal ou de esquerda pretende abraçar de forma tácita ou explícita um dos lados de uma contenda geopolítica cujo sentido último só pode ser o de acelerar o "tempo do fim" seja no plano bélico, seja no plano ambiental. Voluntariamente ou não, parte do progressismo acaba assim por referendar o cancelamento do futuro que pretende combater, assim ajudando a enfraquecer o combate contra as tendências autoritárias em todas as regiões que se alimentam da mundialização do horizonte de guerra. A

ausência de uma perspectiva crítica à dinâmica de cruzada global no seu conjunto cobra o seu preço. Com isso, abre-se espaço ou, no mínimo, torna-se mais difícil o combate às ideologias que alimentam tal cruzada, com destaque aí para o antissemitismo e islamofobia.

É possível outra *realpolitik*?

Mas como então seria possível combater o estado de coisas até aqui delineado? Longe de uma resposta que dê conta devidamente do tema, buscaremos apenas nesta última seção tangenciar essa questão a partir da reflexão até aqui traçada e tendo como foco Israel/Palestina e o Oriente Médio de forma mais ampla. Uma primeira dificuldade aqui é o fato que se há tendências quase-automáticas e "inconscientes" que impelem para a guerra e o ódio, no que diz respeito à paz nada disso ocorre. Uma eventual paz dependeria de uma construção árdua, de uma disposição consciente e de um processo cumulativo de preparação para alcançá-la. Por outro lado, a própria situação atual de reforço desmedido de tendências destrutivas (situação temperada ainda pelo fantasma do "tempo do fim") é um elemento que necessariamente erige a paz como a única *realpolitik* digna desse nome.

Pois a paz vista por essa ótica deixa de ser um apelo ingênuo ou uma mera petição de princípio abstrata que todos concordam apenas da boca para fora, mas uma necessidade vital e a única opção realista diante de uma conjuntura que, de escalada em escalada, ninguém poderá ficar de pé. A guerra transformada em regra e não mais exceção alimenta uma lógica automática de opressão e descontrole que inviabiliza a ação democrática consciente das sociedades. E é cabível uma analogia aqui: tal como para se evitar uma catástrofe ambiental será necessária uma mudança radical nos padrões de consumo e produção, também para se afastar as guerras em curso ou potenciais é necessário um giro de 180 graus, uma predisposição totalmente diferente diante do estado atual das coisas. Se isso é válido para o mundo como um todo, mas ainda é válido para um Oriente Médio atravessado por tantas catástrofes. Mas talvez seja justamente essa situação de emergência aquilo que impulsiona também nesta região uma forte aspiração popular pela paz e também por uma efetiva democracia. A queda fulminante de Assad na Síria seria inexplicável sem o rechaço massivo e ativo da sociedade a uma ditadura que foi a maior responsável pela destruição inteira do país. Por certo que a situação da Síria permanece totalmente incerta com grupos fundamentalistas à frente da nova situação e com a influência crescente da Turquia em guerra permanente com os sempre esquecidos curdos. Mas a força popular e democrática que se expressou na Síria nesses tempos deu sinais importantes daquilo que poderia ser a verdadeira *realpolitik*: os desejos e impulsos subjetivos para uma vida diferente tem ao menos o potencial de mudar objetivamente a sociedade.

No caso de Israel/Palestina é evidente que a paz deve obrigatoriamente passar pelo fim da ocupação militar que é responsável pela opressão e humilhação diária dos palestinos. Sem entrar aqui no intrincado debate dos fatores que levaram a guerra dos judeus com os palestinos e com os países árabes em 1948, é inegável que

seu resultado objetivo foi a fuga ou expulsão que criou o problema dos refugiados palestinos. O direito à autodeterminação nacional, de decidir livremente sua vida e futuro sem o domínio israelense sobre si, ou seja, a efetivação até hoje irrealizada de uma soberania palestina, são as condições para qualquer saída política. Mas ao mesmo tempo essa questão por si só não encerra o problema. Pois ao mesmo tempo em que não há qualquer simetria no que diz respeito aos palestinos que sequer tem seu Estado e o Estado de Israel que os oprime - sobretudo agora com Gaza arruinada e uma ocupação ainda mais encarniçada na Cisjordânia - uma saída política também obrigatoriamente deve levar em conta o fato de que existem duas nacionalidades - uma judaica e outra palestina - com pleitos legítimos na região. Afinal, o antisemitismo europeu que culminou no Holocausto num contexto que o mundo inteiro fechava suas portas, somado à saída forçada ou expulsão dos judeus dos países árabes, fizeram com que eles fossem obrigados pela história a se constituir como nação, num Estado chamado Israel. O fato de que Israel tenha se afirmado como país soberano e com apoio interessado dos EUA desde 1967 não anula o fato de que o estatuto dos judeus no Oriente Médio é incerto, para dizer o mínimo. Pois a não aceitação de qualquer forma de soberania judaica na região, posição que já foi a bandeira do antigo nacionalismo árabe laico, hoje é a bandeira levantada pelo fundamentalismo do "Eixo da Resistência" que, mesmo que enfraquecido militarmente no momento, persiste como uma força decisiva na região.

Por óbvio que existe aqui mais uma vez uma marcada assimetria no que tange a ambas as nacionalidades, pois afinal é a palestina que é atacada com muito maior intensidade, como a bestial violência sobre Gaza tragicamente tem mostrado. Mas isso não anula o fato de que o ataque à nacionalidade judaica como tal com a sua consequente violência contra civis israelenses é um fator real da região como atesta o hediondo massacre de 7/10 do Hamas apoiado pelo "Eixo da Resistência". Recentemente foi mostrada ao mundo a extensão da tragédia síria com a liberação da masmorra de Sednaya. Assad, apoiado diretamente nas forças armadas de seus aliados do "Eixo da Resistência" como Irã e Hezbollah assim como também de Putin, provocou diretamente 500 mil mortes nos últimos anos dentro das quais estima-se que 100 mil teriam sido torturados até a morte. Ora, isso mostra de forma cabal que os temores dos judeus no Oriente Médio não são nada infundados. É preciso, portanto, separar claramente o joio do trigo. Uma coisa é o legítimo direito de resistência dos palestinos contra a violência de Israel, outra coisa é todo um programa político de destruição de Israel esposado por Hamas e seus aliados que fraudulentamente reivindicam para si a bandeira da "Resistência". De outro lado, Netanyahu, escorado no seu governo de fundamentalistas judeus cada vez mais radicalizados, se aproveita do contexto de ameaças a Israel para implementar sua guerra sem fim contra os palestinos, assim como para jogar mais gasolina no fogo do Oriente Médio com ataques ao Líbano, Síria e provocações ao Irã. Do ponto de vista do primeiro-ministro israelense, o cenário de uma guerra sem objetivos definidos vira o próprio objetivo, ajudando-o a se preservar no poder e acelerar a transformação do país numa ditadura.

Israel/Palestina persiste, portanto, como uma questão sui-generis e contraditória na qual tentar passar por cima das questões nacionais ainda vigentes só pode acender as formas mais degradadas de nacionalismo e abolir definitivamente o horizonte utópico de uma eventual solução futura pós-nacional. E aqui precisamente é que se mostra com mais clareza como as narrativas antissemita e islamofóbica impactam a realidade, cristalizando o beco sem saída e intensificando os medos do passado e do presente. A negação dos palestinos como nação só pode se efetivar a partir de sua essencialização como um povo bárbaro, terrorista, incapaz de estabelecer seu país por si próprio de forma civilizada. Correlatamente, a negação dos judeus como nação pressupõe a sua essencialização como um povo pérfido, abstrato e sem raízes e cuja maldade intrínseca do seu país o invalida como tal. O combate simultâneo a ambas as narrativas que se alimentam da conjuntura do Oriente Médio e que, como mostramos, também têm um alcance global, mesmo se não esgota o drama Israel/Palestina, certamente é algo decisivo, uma verdadeira *realpolitik*. Afinal, tais narrativas também fazem a guerra.

Citação/Citation: Feldmann, D. (2024). *Narrativas da guerra: antissemitismo e islamofobia*. *Trivium: Estudos Interdisciplinares* (Ano XVI, no. esp.), pp. 159-170.

Recebido em: 03/12/2024

Aprovado em: 20/12/2024